

A imaginação na teoria da alma de Christian Wolff

Imagination in Christian Wolff's soul theory

Juliano Bonamigo Ferreira de Souza

Doutorando no Centre de Philosophie du Droit, da Université catholique de Louvain, na Bélgica e no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo – USP

ferreiradesouza.juliano@uclouvain.be

Resumo: Este artigo analisa a especificidade da imaginação enquanto faculdade da alma na obra do metafísico Christian Wolff (1679-1754). Limitaremos nosso recorte às obras *Metafísica alemã* (1720), *Discurso preliminar sobre a filosofia em geral* (1728), *Psychologia empirica* (1732) e *Psychologia rationalis* (1734). (i) Primeiramente investigamos o lugar de ambas as *Psychologiæ* no interior do sistema de Wolff, ressaltando a centralidade do estudo da alma [*Seele*]. (ii) Num segundo momento, analisamos as principais características da alma e sua *vis repræsentativa* como operador da relação entre a sensibilidade e as faculdades da mente. (iii) Por fim, analisamos os modos de produção de *phantasmata* e de associação por meio dos quais a imaginação opera na alma. Concluímos mostrando que é em Wolff, contrariamente à tradição que o antecederam, que a imaginação aparece como uma faculdade rigorosamente regulada pelas leis do intelecto, e não pelo costume.

Palavras-chave: *Ars fingendi*; Christian Wolff; Estética; Faculdades da alma; Imaginação; *Kraft zu erdichten*.

Abstract: This article intends to analyze the specificity of Imagination as a faculty of the soul in the work of the metaphysician Christian Wolff (1679-1754). We will limit our approach to the *German Metaphysics* (1720), *Preliminary Discourse on Philosophy in General* (1728), *Empirical Psychology* (1732), and *Rational Psychology* (1734). (i) We first investigate the place of both *Psychologiæ* within Wolff's system, emphasizing the centrality of the study of the soul [*Seele*]. (ii) In a second moment, we analyze the main characteristics of the soul and its *vis repræsentativa* as an operator of the relationship between sensitivity and the faculties of the mind. (iii) Finally, we analyze the modes of production of *phantasmata* and the association through which Imagination operates in the soul. We conclude by showing that it is in Wolff, contrary to the tradition that preceded him, that imagination appears as a faculty rigorously regulated by the laws of intellect, and not by custom.

Keywords: *Ars fingendi*; Christian Wolff; Aesthetics; Faculties of the Soul; Imaginacion; *Kraft zu erdichten*.



Introdução

Tendo em conta o papel fundamental da obra de Christian Wolff (1679-1754) para os estudos de Metafísica e de Estética do século XVIII, e buscando melhor compreender as razões pelas quais suas investigações acerca da alma foram fundamentais para toda a Filosofia que o sucedeu, nosso intento é o de compreender a natureza e a função da faculdade da *imaginação* em seus escritos. Outrossim, tentaremos descrever a dinâmica que rege tal faculdade, a fim de lançar luz sobre os principais aspectos da *Psicologia empírica*¹.

Nosso recorte procederá do seguinte modo: (i) começaremos com a investigação sobre o papel das *Psychologiae* dentro do sistema de Wolff² e dos modos pelos quais o autor empreende, tanto empírica como dedutivamente, um estudo das faculdades da alma implicadas no processo do conhecimento. (ii) Em seguida, passamos a uma descrição da chamada *vis representativa*, desvelando seu mecanismo motivador das relações entre a sensibilidade e as faculdades da mente. (iii) Finalmente, e como consequência dos pontos anteriores, dedicaremos-nos mais demoradamente à imaginação, procuramos discernir os modos pelos quais ela atua na alma, sua mecânica de produção de *phantasmata* e sua conduta conforme um modo regido de associação. Almejamos assim salientar a especificidade reprodutora e produtora da alma deitando nossa atenção sobre a *facultas fingendi* e seus aspectos composicionais e inventivos.

I. As *Psychologiae* e o sistema filosófico de Christian Wolff

Alguém que se aproxime da obra de Wolff talvez duvide, num primeiro momento, do empenho que ela dedica a desvendar os meandros da alma humana em sua obra. Que lugar possuem a *Psychologia empirica* e a *Psychologia rationalis* dentro da Filosofia de Christian Wolff? Por qual razão há um intervalo, temporal e metodológico entre ambas? Tanto a *Psychologia empirica*, publicada em 1732, quanto a *Psychologia rationalis*, publicada simultaneamente em Frankfurt e Leipzig, em 1734, fazem parte dos grandes tratados de Christian Wolff em língua latina. Este grupo de obras foi publicado no período que começa em 1728, abarcando o exílio de Wolff na cidade de Marburg — imposto ao autor, uma vez que algumas de suas teses foram de encontro aos fundamentos do pietismo —, e termina quando de seu retorno à Universidade de Halle, em 1740 (ÉCOLE, 1985, p. 79).

O projeto de Wolff, em sua *Psychologia empirica*, é o de inventariar as faculdades da alma a as leis às quais elas obedecem. Este esforço analítico funda-se sobre a experiência privilegiada do que seria a “consciência do que se passa em nós”, e lança igualmente mão da razão a fim de encadear os fatos observados e revelar, assim, os modos pelos quais tais faculdades “dependem umas das outras” (*ibid.*, p. 80). Visto retrospectivamente, portanto, o conjunto aparece como uma tentativa de compreensão *a priori* de algo que só pode ser posto à luz, primeiramente, *a posteriori*. Dito de outro modo, o fato de publicar o conjunto que deita reflexão sobre a alma em volumes e momentos distintos permitiu a Wolff, primeiramente, uma publicação das descrições da observação da alma pela experiência — *a posteriori*, portanto —, conjunto sobre o qual retornaria somente

¹ Uma definição preliminar, dada pelo próprio autor, é a seguinte: “§5. A *psicologia empírica* serve ao exame e comprovação daquilo que se descobre de maneira *a priori* a respeito da alma humana. Pois, uma vez que na psicologia empírica se ensina aquilo que é conhecido pela atenção aos fatos que ocorrem com nossa consciência na nossa alma (§2), aquilo que for desconhecido de modo *a priori* acerca da alma humana será cotejado com o que é estabelecido por experiência na psicologia empírica” (WOLFF, 1732b, p. 11-12. Todas as traduções para o português são nossas).

² Thierry Arnaud, um dos organizadores da tradução francesa do *Discurso preliminar*, salienta, igualmente, o papel fundante das *Psychologiae* no sistema wolffiano. Advogando, quanto à questão de um “começo”, pela primazia da *Ontologia* e da *Psicologia*, Arnaud recorre ao parágrafo §89 do *Discurso*: “Or, c’est de la Psychologie qu’il faut apprendre quelle est la faculté de connaître et quelles sont ses opérations. Il est donc, de plus, patent qu’afin de démontrer les règles de la Logique, il faut en tirer les principes de la Psychologie”. Cf. WOLFF, [1728] 2006, p. 129-130; ARNAUD, 2004, p. 68.



mais tarde, em 1734, procurando esclarecer com maior acuidade os dados recolhidos da vida interior da alma, organizando-os, *a priori*, de modo dedutivo, na *Psychologia rationalis*³.

É possível, todavia, encontrar em sua obra uma reflexão feita anos antes a respeito das *Psychologiae*. Em seu *Discurso preliminar sobre a filosofia em geral*⁴, de 1728, Wolff explicara as razões pelas quais separara a *Psicologia empírica* (onde trata dos “fundamentos das verdades difíceis”) da *Psicologia racional* (em que são tratadas as “questões suscetíveis de disputa”). No §8 do *Discurso*, a Psicologia era definida como a “parte da filosofia que se ocupa da alma”. Dado que o autor definira Filosofia como “a ciência dos possíveis tal como eles podem ser”⁵, a parte que caberia à Psicologia, portanto, seria justamente a de ser a “ciência das [coisas] que são possíveis à alma humana” (WOLFF, [1728] 2006, §58, p. 114). Assim, a *Psicologia racional* deriva *a priori* do conceito de alma humana todas as coisas observadas *a posteriori*, pela experiência, no domínio empírico da Psicologia (cf. ARAÚJO, 2012). Mais adiante, no §111, a definição de *Psicologia racional* ressaltaria a importância da *Psicologia* em seu sistema, afirmando que,

dado que se tiram da Psicologia os princípios de demonstração, tanto para a Lógica (§89) e para a arte de inventar (§74), quanto, igualmente, para a filosofia prática (§92), e que devemos ter na mais alta conta a certeza dessas disciplinas, enquanto diretrizes das ações do homem [...], é sensato, igualmente na Psicologia, fixar pela experiência [*experientiam*] princípios tão importantes (§34) e agenciá-los, tal como na Física experimental (§110), em uma ordem tal que a razão das [coisas] seguintes seja patente graças às anteriores. Eis a razão pela qual nós fizemos da *Psicologia empírica* uma parte da filosofia na qual se estabelece pela experiência [*experientiam*] os princípios a partir dos quais se pode dar razão das [coisas] que se podem produzir pela alma humana (WOLFF, [1728] 2006, §111, p. 146)⁶.

De tal modo, a teoria e a prática morais às quais Wolff segue fazendo referência no andamento de suas proposições e escólios no seio do *Discurso preliminar* se fundamentarão, portanto, sobre “princípios estabelecidos com evidência” por meio da experiência (*ibid.*, §112, p. 147). Este é o fundamento, portanto, do que Wolff definirá anos depois, logo no primeiro parágrafo dos *Prolegômenos à Psicologia empírica*, em que a *psicologia empírica* é “a ciência que estabelece princípios por experiência, pelos quais se dá a razão daquilo que ocorre na alma humana” (WOLFF, [1732b] 2018, p. 9).

II. Da alma: essência, natureza e faculdades do conhecimento

Em uma obra anterior, chamada *Metafísica alemã*⁷ (1720), Wolff determinara a alma como sendo algo existente por si [*ein für sich bestehendes Ding seyn*]⁸, de modo que identificava nela uma força [*Kraft*]: “também a alma deve ter uma força semelhante, da qual suas modificações derivam” ([1720] 2003, §744, p. 594)⁹. Tal força, que é fonte de modificações, Wolff percebe-a pelo exercício de introspecção e observação da alma, sobretudo pela observação de suas sensações [*Empfindungen*], de modo que antes de definir esta força, o autor define o que são tais sensações, bem como o que são imagens. No §749 (“Was Empfindungen sind”) ele diz:

As modificações mais comuns que percebemos [*wahrnehmen*] na alma são as sensações [*Empfindungen*]. Estas nos representam os corpos [*Cörper*] que tocam [*rühren*] os órgãos de nossos sentidos [*Sinnen*]. Os corpos são coisas compostas [*zusammengesetzte Dinge*]. E por isso as sensações representam [*vorstellen*] coisas compostas. A alma, na qual estas representações acontecem, é uma coisa simples [*ein einfaches Ding*]. De tal modo, o composto

⁷ *Metafísica alemã* é o nome dado à obra intitulada *Vernünfftige Gedancken von Gott, der Welt und der Seele des Menschen, auch allen Dingen überhaupt* (para a qual uma possível tradução seria *Pensamentos racionais de Deus, do mundo e da alma dos homens, e também de todas as coisas em geral*), publicada em 1720. Para este artigo, utilizamos a edição bilingue italiana, publicada como *Metafísica tedesca*, em função de suas notas críticas e do cuidado editorial com que tal edição foi tratada (cf. WOLFF, [1720] 2003).

⁸ Optou-se verter o termo *Ding* por *coisa*. Tal opção, entretanto, não deve deixar crer que Wolff se refira a uma materialidade em senso forte. Mais especificamente, a simplicidade como fundamento da substancialidade da alma será tratada na próxima seção.

⁹ “[...] so muß auch die Seele eine dergleichen Kraft haben, daraus ihre Veränderungen herfließen [...]”.

é representado no simples. Portanto, as sensações são representações do composto no simples, que acontecem por ocasião de modificações nos órgãos externos dos sentidos (*ibid.*, §749, p. 596 e 598)¹⁰.

Ao aperceber as sensações, a alma toma consciência de algo que lhe é distinto, um corpo do mundo que lhe é externo e que ela representa. É a partir de sua posição, de seu corpo, e das sensações que acometem a alma, que se evidencia que “a alma tem uma força de representar-se o mundo segundo o estado de seu corpo no mundo” (*ibid.*, §753, p. 600)¹¹. Portanto, é essa força que será a essência [*Wesen*] — pois faz da alma uma essência ativa — e a natureza [*Natur*] da alma, segundo Wolff (*ibid.*, §§755 e 756, p. 600). Ao passo que as faculdades listadas anteriormente são apenas *potências ativas* — que, sendo apenas *potência*, são incapazes de agir por si só —, essa *vis* [força] à qual Wolff atribui a natureza e essência da alma é uma tendência e um desejo contínuo de agir, um princípio constante de atividade perceptiva: um contínuo “representar-se algo”, atualizando aquilo que não é possível às faculdades (MADONNA, 2007, p. 115).

Essa noção de natureza da alma será revisitada em sua *Psychologia rationalis* ([1734] 1740). Nesta obra — em que o sistema de Wolff é transladado ao latim — o autor inicia o primeiro capítulo com um estudo sobre a natureza e a essência da alma (“De Naturæ e Essentia Animæ”). Ali, diferentemente de Descartes, Wolff afirma que o sujeito das *cogitationes* não pode ser algo corpóreo, tampouco uma substância sutil, mas sim uma *substância simples* [*substantia simplex*]¹², dotada de uma *força* [*vis*], que o autor denominará *vis repræsentativa* (WOLFF, [1734] 1740, §63, p. 42)¹³.

Esta força, sendo única, tal como a substância da alma, é possível dizer que será como efeito e desdobramento dela que as demais faculdades aparecerão (WOLFF, 1732a, §61, p. 40). Assim, a esta essência representativa da alma, somam-se à natureza da alma as faculdades que esta possui. Mais especificamente, é em sua *Psychologia empirica*, escrita anos antes (1732), que tais capacidades da alma serão definidas¹⁴. Na segunda seção do primeiro capítulo, intitulado “Da alma humana em geral e das faculdades de conhecimento em específico”, Wolff definira as faculdades como potências ativas da alma [*potentia activa*] (WOLFF, 1732a, §29, p. 20)¹⁵. O autor distingue as faculdades em dois tipos, quais sejam, faculdades do conhecimento [*facultatis cognoscendi*] inferiores e superiores. As faculdades inferiores seriam aquelas por meio das quais se pode comparar ideias ou noções confusas (*ibid.*, §54, p. 33)¹⁶, ao passo que as faculdades superiores seriam aquelas por meio das quais adquirimos ideias e noções distintas (*ibid.*, §55, p. 33)¹⁷. O intelecto e a razão são as partes superiores [*pars superior*] das faculdades de conhecimento, ao passo que os sentidos, a imaginação e a memória constituem, por sua vez, a parte inferior das faculdades de conhecimento [*pars inferior facultatis cognoscendi*].

¹⁰ “Die gewöhnlichsten Veränderungen, die wir in unserer Seele wahrnehmen, sind die Empfindungen. Diese stellen uns die Körper vor, welche die Gliedmassen unserer Sinnen rühren. Die Körper sind zusammengesetzte Dinge. Und demnach stellen die Empfindungen zusammengesetzte Dinge vor. Die Seele in welcher diese Vorstellung geschieht, ist ein einfaches Ding. Solcheergestalt wird das zusammengesetzte im einfachen vorgestellt. Es sind demnach die Empfindungen Vorstellungen des zusammengesetzten im einfachen, so auf Veranlassung der Veränderungen in den äusserlichen Gliedmassen der Sinnen geschehen”.

¹¹ “[...] dei Seele [hat] eine Kraft sich die Welt vorzustellen, nach dem Stande ihres Körper in der Welt”.

¹² “Anima est substantia simplex” (WOLFF, [1734] 1740, §48, p. 32).

¹³ “Essentia animæ consistit in vi repræsentativa [...]” (WOLFF, 1732a, §66, p. 45). Cf., igualmente, PIMPINELLA, 2005a, p. 3 et seq.

¹⁴ Quanto à obra *Psychologia empirica*, que faz parte do grupo de obras latinas de Wolff, utilizamos, aqui e ali, a título de cotejamento de escolhas tradutivas, uma edição francesa, publicada em Amsterdam em 1756, como informa a introdução de Robert J. Richards (cf. WOLFF, [1732c] 1745; RICHARDS, 1980, p. 227).

¹⁵ Essa definição marca, no Capítulo I, o início da Segunda seção: “De Facultas cognoscendi Parte inferiori”.

¹⁶ “Facultatis cognoscendi pars inferior dicitur, qua ideas & notiones obscuras atque confusas nobis comparamus”.

¹⁷ “Facultatis cognoscendi pars superior est, qua ideas & notiones distinctas acquirimus”.



III. De como a imaginação procede na alma

Tendo mostrado até aqui os aspectos centrais da alma segundo Wolff, é possível ater-nos às especificidades da imaginação. Wolff dá uma definição precisa da *imaginação* em sua *Psychologia empirica*, onde ela aparece como *facultas imaginandi* ou, simplesmente, *imaginatio*:

A faculdade produtora de percepções de coisas sensíveis [*rerum sensibilibium*] absentes, chamo de *facultas imaginandi* ou *imaginatio* (WOLFF, 1732a, §92, p. 54)¹⁸.

Trata-se, portanto, de uma faculdade da mente capaz de produzir ou reproduzir percepções ou sensações ausentes. Sua especificidade, todavia, é que tais representações não conservam a *natureza* dos objetos sensíveis que elas representam. E a razão para tanto encontra-se justamente na natureza simples da alma. Como vimos acima, na *Metafísica alemã*, Wolff definira a alma como uma *substância simples*. Esta importante definição é resultado do seguinte argumento: no §742 da *Metafísica alemã*, intitulado “Die Seele ist ein einfaches Ding” [*A alma é um ente simples*], após haver proposto que um corpo [*Cörper*], por sua essência e natureza compostas, não é capaz de pensar, Wolff chega à conclusão de que a alma não deve ser corpórea. E, se o pensamento não pode advir de algo composto, a alma deverá ser, portanto, “um ente simples” [*so muß die Seele ein einfaches Ding seyn*], justamente por ela ser capaz de *cogito*, isto é, de pensamento (WOLFF, [1720] 2003, §742, p. 594).

As *sensações* [*Empfindungen*], por sua vez, serão definidas alguns parágrafos adiante como as modificações que ocorrem na alma. Elas “representam os corpos que afetam [*rühren*] os órgãos de nossos sentidos”. Mas, sendo os corpos entes compostos e a alma um ente simples, as sensações são “representações do composto no simples” [*Vorstellungen des zusammengesetzten im einfachen*], verificadas em ocorrência de modificações nos órgãos dos sentidos (WOLFF, [1720] 2003, §750, p. 598). Da mesma forma, as imagens [*Einbildungen*] são de natureza simples, isto é, elas são representações simples de corpos compostos. Daí porque seja possível dizer, com Wolff, que o produto da imaginação¹⁹ — isto é, *phantasmata* —, apesar de possuir o mesmo conteúdo da ideia sensível, não conserva, contudo, a natureza composta do corpo que ele representa²⁰.

Dito de modo provisório, a imaginação, para Wolff, é uma força produtora de imagens. Ela é, como será dito mais adiante, uma *facultas fingendi*, e pode ocorrer não somente em relação às coisas já pensadas em outro momento, mas também em relação àquelas coisas que jamais vimos diante de nós e, por conseguinte, das quais jamais pudemos ter qualquer sensação (WOLFF, [1720] 2003, §241, p. 216)²¹.

Este aspecto inventivo da imaginação pode ocorrer de duas maneiras, ou seja, há em Wolff dois modos de invenção, ambos descritos nos parágrafos subsequentes da *Metafísica alemã*. O primeiro modo opera por uma espécie de procedimento de *divisão* [*zertheilen*] e *composição* [*zusammensetzen*], pois consiste primeiramente em uma fragmentação das coisas já presenciadas ou das quais possuímos apenas imagens, compondo em seguida suas partes, segundo nosso gosto [*nach Gefallen*], e dando finalmente fruto a algo

¹⁸ “Facultas producendi perceptiones rerum sensibilibium absentium *Facultas imaginandi* seu *imaginatio* appellatur”.

¹⁹ Nesta mesma obra (*Metafísica alemã*), Wolff definira a *imaginação* [*Einbildungskraft*] por meio daquilo que ela produz: “Die Vorstellungen solcher Dinge, die nicht zugegen sind, pflaget man *Einbildungen* zu nenne. Und die Kraft der Seele dergleichen Vorstellungen hervorzubringen, nennet man die *Einbildungs-Kraft*” [*As representações daquelas coisas que não estão presentes, costumam-se chamar imagens. E a força da alma em produzir tais representações chama-se imaginação*] (WOLFF, [1720] 2003, §235, p. 212).

²⁰ Para Wolff, como bem lembra Pimpinella, tanto *imago* quanto *phantasma*, objetos da imaginação, são ideias sensuais, isto é, são representações mentais providas pelas sensações. Pimpinella, quanto a isto, remete aos §86 (“*Ideæ sensuales imagines sunt*”) e §18 (“*Phantasmata sunt imagines*”) da *Psychologia rationalis* (cf. PIMPINELLA, 2005b, p. 17).

²¹ “Es gehet aber die *Einbildungs-Kraft* nicht allein auf diejenigen Dinge, daran wir schon zu anderer Zeit gedacht haben, sondern wir können uns auch vorstellen, was wir vorhin noch niemahls empfunden haben”.



jamais presenciado. Esse seria o caso, segundo os exemplos dados por Wolff, da forma do tritão, que é resultado da composição entre partes da figura humana e do peixe, ou ainda, o caso das figuras angelicais, que conjugam uma nova figuração, a uma só vez, humana e alada:

Nisso consiste o *poder de inventar* [*Kraft zu erdichten*], por meio do qual logramos formar [*heraus bringen*] com frequência algo que não é possível [*möglich*], e por isso chamado de *imagem vazia* [*leere Einbildung*] (*ibid.*, §242, p. 216)²².

Malgrado esse aspecto composicional, por vezes ocorre que a produção de imagens se dê diferentemente do que possamos almejar [*anders ... als wir verlangen*]. Essa dinâmica encontra raiz naquilo que Wolff definira no §238 da *Metafísica alemã*, isto é, que as imagens têm sua origem nas sensações (*ibid.*, §238, p. 214)²³, de modo que em sua composição as imagens alteram-se sempre umas às outras de acordo com as sensações às quais elas estão relacionadas. Isso ocorre, por exemplo, quando uma representação possui algo de semelhante a uma outra sensação, experimentada em outro momento do passado. Neste caso, dada a associação que essa semelhança permite, imediatamente a sensação de outrora emergirá uma vez mais [*komet ... wieder hervor*] em sua inteireza (*ibid.*). Disso decorre que as imagens, quanto à composição que nos apresentam, não estejam totalmente em nosso poder. Ainda, o produto desse *poder de inventar* [*Kraft zu erdichten*] é, como mostra o final do §242, uma “imagem vazia”, justamente porque esta última se encontra desprovida de verdade, de ordem (PIMPINELLA, 2005b, p. 35). Segundo Pietro Pimpinella, o produto da *faculdade inventiva* (*facultas fingendi*²⁴, da qual a *Kraft zu erdichten* é apenas uma das partes), no mais das vezes, é resultado de associações involuntárias que passam ao largo de uma vontade consciente de arranjo representativo, obedecendo antes a uma regência entre sensação e imaginação à qual Wolff dá o nome de *Regel der Einbildungen* [*regra das imagens*] (cf. WOLFF, [1720] 2003, §238, p. 214; PIMPINELLA, 2005b, p. 21). Segundo Wolff, as imagens dos pintores, escultores e demais artistas seriam dessa ordem de associação, e por isso seriam igualmente frutos dessa dinâmica arbitrária na qual uma imagem se segue à outra, formando uma corrente de associações cujas razões são as mais diversas (WOLFF, [1720] 2003, §242, p. 216).

A segunda maneira de operar da imaginação não é definida, mas apenas descrita, sendo que dois aspectos se sobressaem na explicação de Wolff. O primeiro aspecto desse modo de operar da *Einbildungskraft* é que ele se serve de *princípio de razão suficiente* e que ela produz imagens nas quais há *verdade*. O segundo aspecto é o de que é justamente sobre ela que se apoia a *arte de inventar* [*Kunst zu erfinden*] dos arquitetos (*ibid.*, §246, p. 220). Quanto ao primeiro aspecto, do fundamento em uma *razão suficiente*, ele fica claro ao examinar-se o exemplo do processo imaginativo da *Kunst zu erfinden*, cujo paradigma é, para Wolff, a arte dos arquitetos. Ao procederem em seus projetos, sua imaginação produz um elemento após o outro, resgatando o que há de belo na natureza. De modo semelhante, Wolff vê essa capacidade no douto, que escreve seus livros a partir daquilo que recolhe de outros livros, tal como o arquiteto coleta de outros projetos as linhas para a construção de sua própria edificação. Dessa assimilação, surge a verdade (*ibid.* §247, p. 220), isto é, de um procedimento que ordena as partes segundo uma finalidade — neste caso, um edifício. A especificidade dessa arte inventiva [*ars inveniendi*] é que o resultado de sua obra não pode ser incongruente com a natureza, tal qual a figura de um cervo cujo tronco é humano. Em concordância com o princípio de razão suficiente, a *ars inveniendi* produz, antes, um conjunto de elementos que possuem um fim definido.

²² “[Was die Kraft zu erdichten ist.] Und hierinnen bestehet *die Kraft zu erdichten*, wodurch wir öfters etwas heraus bringen, so nicht möglich ist, und daher eine *leere Einbildung* gennet wird”.

²³ “[...] die Einbildungen von den Empfindungen ihren Ursprung nehmen [...]”. Daí que se possa dizer não haver nada na imaginação ou no intelecto que já não tenha estado, primeiramente, nos sentidos.

²⁴ A forma verbal infinitiva latina de *fingendi* é o verbo *fingere*, que em português pode ser vertido como *moldar*, *formar*. Cf. «*fingo*», in GAFFIOT, 1934, p. 668.



Conclusão

O caminho que traçamos até aqui quis, em linhas gerais, compreender a importância do estudo da alma dentro do sistema metafísico de Wolff. Limitamo-nos, assim, em recolher excertos da *Metafísica alemã* (1720), do *Discurso preliminar sobre a filosofia em geral* (1728) e das *Psychologiae* (1732 e 1734), buscamos assimilar o comportamento das faculdades a partir da essência e natureza que fundam a alma para o autor. Restritos a este pequeno lote de sua obra, procuramos descrever as dinâmicas próprias à imaginação, ressaltando os modos pelos quais ela opera. Naturalmente, não se pode exigir que um tal contorno tenha esgotado a exegese possível da obra de Wolff, tampouco do papel da imaginação que lhe cabe. Os fenômenos mentais sobre os quais o autor se debruça — seja pela introspecção *a posteriori* da *Psychologia empirica*, seja pela dedução *a priori* da *Psychologia rationalis* — são tais, e tão intrinsecamente vinculados, que ressaltar os modos combinatórios e inventivos da imaginação na obra de Wolff não é mais do que lançar luz sobre uma ínfima parte de todo o imbricamento psicológico descrito por ele. Esta amplitude, portanto, não nos permitiu mais do que um recorte estreito, cuja tentativa primeira foi a de traçar com alguma definição os contornos que delineiam a *imaginação* no interior de seus escritos.

Tão logo essa tarefa é colocada em marcha, e tal faculdade vem à lume, suas múltiplas performances emergem e convidam a pensar que em Wolff as *imaginações* são muitas: *Einbildungskraft*, *facultas imaginandi*, *facultas fingendi*. E são igualmente muitas as suas operações: *associação*, *divisão*, *composição*, *invenção*. Com efeito, um estudo capaz de mostrar a relação dinâmica entre as distintas faculdades da alma em Wolff ainda resta por fazer, e exigirá um empreendimento maior do que as páginas de um artigo. Entretanto, há nas descrições de *imaginação* dadas por Wolff, e ressaltadas ao longo deste artigo, duas maneiras de operação, que em sua obra latina foram definidas como *facultas imaginandi* e *facultas fingendi*²⁵. A primeira, *facultas imaginandi*, guiada pela lei de associação, representa ideias das coisas com base nos laços que a experiência estabelece por meio das representações sensíveis (cf. PIMPINELLA, 2005b, p. 34). A segunda, *facultas fingendi*, por sua vez, possui a capacidade de apresentar imagens novas, imagens de coisas que jamais estiveram presentes na percepção, pois são o resultado de uma combinação arbitrária de imagens parciais. O comentário de Pimpinella esclarece esta relação, existente desde a *Metafísica alemã*:

Na assim chamada *Metafísica alemã* eram distinguidos dois aspectos da *Einbildungskraft*, entendida como *facultas fingendi*: uma *Kraft zu erdichten*, que produz imagens vazias, pois opera de modo arbitrário, e uma *Kunst zu erfinden*, que na combinação de imagens é guiada pelo princípio de razão suficiente. [...] que prevalece um ou outro tipo de imaginação, tem-se combinações arbitrárias de ideias, como aquelas dos artistas em geral e dos atores que levam seus espetáculos a todas as feiras, portanto os *histriões*, ou produções bem ordenadas da faculdade inventiva, como as do arquiteto e dos cultores da *ars inveniendi*. Ao engenho são inerentes ambos os tipos de imaginação, seja o reprodutivo, seja o produtivo. A imaginação, enquanto reprodutora de imagens e de seus nexos fundados na lei de associações, é assistida pela memória em sua função de oferecer um material o mais rico possível à capacidade inventiva da imaginação (PIMPINELLA, 2005c, p. 74)²⁶.

²⁵ A tradução francesa da *Psychologia empirica*, vertida como *Traité sur l'âme* em 1745, malgrado o fato de que não apresente o rigor das edições críticas atuais e seja mais um comentário do que uma tradução propriamente dita, tem o mérito de servir de apoio entre o texto latino e as línguas modernas. Mais especificamente quanto à tradução de *facultas fingendi*, seu tradutor propõe *faculté de feindre*. Este termo francês, vertido para o português, indicaria uma capacidade de *fingir*. *Supra* observamos que, igualmente, o termo pode ter por origem o verbo *fingere*, cujo significado é da ordem do *moldar*, *formar*, etc. Ter-se-ia, segundo esta última opção, uma faculdade cuja capacidade é cunhar ou formar algo, o que resta próximo ao campo semântico da *invenção*. Entretanto, dada a brevidade deste artigo, os recursos bibliográficos que nos permitiriam esclarecer esta ambiguidade, ou mesmo explorá-la com maior demora, não serão tratados aqui.

²⁶ “Nella cosiddetta *Metafísica tedesca* erano distinti due aspetti della *Einbildungskraft*, intesa come *facultas fingendi*: una *Kraft zu erdichten*, che produce vuote finzioni, perché opera in modo arbitrario e una *Kunst zu erfinden*, che nella combinazione d’immagini si fa guidare dal principio di ragion sufficiente. [...] che prevalga l’uno o l’altro tipo d’immaginazione, si avranno combinazioni arbitrarie d’idee, come quelle degli artisti in genere e degli attori che portano spettacoli alle fiere, dunque degli *istriones*, o produzioni ben ordinate della facoltà inventiva, come quelle dell’architetto o del cultore dell’*ars inveniendi*. All’ingegno sono connaturati entrambi i tipi d’immaginazione, sia quello riproduttivo sia quello produttivo. L’immaginazione, in quanto riproduttiva d’immagini e dei loro nessi in base alla legge di associazione, è coadiuvata dalla memoria nella sua funzione di offrire un materiale per quanto possibile ricco alla capacità inventiva dell’immaginazione”.



É possível, assim, nuançar diferenças entre *facultas imaginandi* e *facultas fingendi*, ou seja, entre os aspectos reprodutivo ou produtivo da imaginação. Esta última é definida como sendo a capacidade de dividir e combinar imagens, produzindo outros *phantasmata* que jamais foram percebidos (WOLFF, 1732a, §144, p. 97)²⁷. Tal como já tratado, essa manipulação de ideias parciais com vias à composição de ideias jamais antes presentes nos sentidos, remete às operações da imaginação ela mesma. Alguns parágrafos antes da definição da *facultas fingendi*, em sua *Psychologia empirica*, Wolff define duas operações importantes para sua compreensão, a saber: *divisio phantasmatum*, como a separação de percepções compostas em percepções parciais, e *compositio phantasmatum*, cuja operação combina percepções parciais a fim de constituir um composto (*ibid.*, §142, p. 96).

Se é assim, tudo leva a crer que, se o próprio da *facultas imaginandi* é uma operação por meio da associação, o próprio da *facultas fingendi* é uma operação por meio da divisão e da composição, cujos resultados Wolff parece endereçar a dimensões distintas. É certo que, em sua manifestação enquanto *Kraft zu erdichten*, as operações de divisão e recomposição atuam igualmente. Isto é notável nos pintores, que são um dos exemplos dados por Wolff, pois a partir de colheitas e rearranjos de outras imagens, esses são capazes de formar resultados inéditos. Essa dinâmica é igualmente vista no flanco inventivo da *facultas fingendi*, isto é, em sua manifestação enquanto arte da invenção — o que em Wolff é vertido como *Kunst zu erfinden* na *Metafísica alemã* e, mais tarde, como *ars inveniendi* nas obras latinas. Mas tudo se passa como se, operando igualmente por meio de divisões e composições, essa ação seja capaz de uma criação específica, de outra ordem, cujo paradigma parece ser a atividade dos arquitetos e doutos. A especificidade dessas atividades é que o produto de sua composição carrega um certo compromisso criativo, um respeito àquilo que Wolff lembrou como sendo da ordem de uma *razão suficiente*²⁸. De tal modo, a verdade, a ordem e a razão suficiente que possam ecoar nos produtos da *ars inveniendi* permite interpretar que o próprio de sua atividade, tal como aparece nas obras arquitetônicas de Wolff, é uma recomposição que respeite regras e cuja finalidade atinja um certo grau de perfeição.

Isto posto, é possível concluir que tal princípio mostra a importância fundamental das faculdades inferiores para o estabelecimento do conhecimento, o que permite melhor compreender os desdobramentos futuros da porção prática e moral que a filosofia wolffiana desenvolverá alhures. Se, como lembra Luigi Madonna, já em Malebranche e em Locke a doutrina da associação fazia igualmente parte dos atributos da imaginação, nesses autores, entretanto, as associações regulavam-se segundo o *costume* ou o *hábito*. Nesse sentido, a contribuição original de Wolff em suas *Psychologiae* fora a de inscrever a imaginação ao campo de atuação rigorosa das leis do intelecto, impondo-lhe uma espécie de *forma nomológica* descrita na *lex imaginationis* — ou *Regel der Einbildungen*, tal como registrado na *Metafísica alemã* (cf. MADONNA, 2007, p. 122 et seq). Nesse sentido, é igualmente possível pensar a obra de Wolff como um marco a partir do qual sucede um desdobramento importante, sobretudo para o surgimento da *Estética* no século XVIII, a partir dos trabalhos de autores como Alexander Baumgarten, Johann Sulzer e outros²⁹. Cada um explorará, a seu modo, os liames entre sensibilidade e racionalidade, e confrontar-se-á, de alguma forma, com o paradigma da alma estabelecido por Wolff.

²⁷ “*Facultas phantasmatum divisione ac compositione producendi phantasma rei sensu numquam perceptae dicitur Facultas fingendi*”.

²⁸ “[...] há dois grandes princípios de nossos raciocínios, um é o *princípio de contradição*, que sustenta que, de duas proposições contraditórias, uma é verdadeira e a outra falsa; o outro princípio é aquele da *razão determinante*. É que algo jamais acontece sem que haja uma causa ou ao menos uma razão determinante, quer dizer, algo que possa servir de modo a dar razão *a priori*, do porque algo é antes existente do que de qualquer outro modo” (cf. LEIBNIZ, [1710] 1734, §44, p. 104).

²⁹ É o caso, por exemplo, das reverberações da psicologia wolffiana e da indissociabilidade das faculdades em Sulzer, ou ainda no debate sobre estética à luz do movimento Iluminista do século XVIII (cf. TOLLE, 2015 e 2017; GALÉ, 2018; DYCK, 2018, BUCHENAU, 2006 e 2013).



Referências bibliográficas:

ARAUJO, S. 2012. “O Lugar de Christian Wolff na História da Psicologia”. In: *Universitas Psychologica*, Bogotá, v. 11, n. 3, p. 1013-1024 [URL: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1657-92672012000300028].

ARNAUD, T. 2004. “Où commence la « Métaphysique allemande » de Christian Wolff?” In: Rudolph, O.-P. & Goubet, J.-F. *Die Psychologie Christian Wolffs. Systematische und historische Untersuchungen*. Col. Hallesche Beiträge zur Europäischen Aufklärung, Bd. 22, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004, p. 61-73.

BUCHENAU, S. 2006. “L'esthétique wolffienne comme ars inveniendi”. In: *Revue germanique internationale*, 4 [DOI: 10.4000/rgi.139].

_____. 2013. *The Founding of Aesthetics in the German Enlightenment. The Art of Invention and the Invention of Art*. Cambridge: Cambridge University Press.

DYCK, C. W. 2018. *Between Wolffianism and Pietism: Baumgarten's Rational Psychology*. In: FUGATE, C. & HYMERS, J. (Eds.), *Baumgarten and Kant on Metaphysics*, Oxford: Oxford University Press [DOI: 10.1093/oso/9780198783886.003.0006].

ÉCOLE, J. 1985. *Introduction à l'Opus Metaphysicum de Christian Wolff*. Paris: Vrin.

GAFFIOT, F. 1934. *Dictionnaire Latin-Français*. Paris: Hachette.

GALÉ, P. 2018. “A estética e suas fronteiras na Ilustração”. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. XII, n. 23, pp. 94-104. [DOI: 10.22409/1981-4062/v23i/254].

LEIBNIZ, G. W. [1710] 1734. *Essais de théodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*. Tome 1. Nouvelle édition, augmentée de l'histoire de la vie & des ouvrages de l'auteur, par M. L. de Neufvilles. Amsterdam: F. Changuion [URL: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6528777d>].

MADONNA, L. 2007. “Immaginazione e arte geroglifica nella psicologia cognitiva di Christian Wolff”. In: *Christian Wolff Gesammelte Werke. Materialien und Dokumente*. Band 106, Wolffiana III, “Christian Wolff tra psicologia empirica e psicologia razionale”. Hildesheim/Zürich/New York: Georg Olms Verlag, p. 113-130.

PIMPINELLA, P. 2005a. “*Spiritus* nella *Psychologia rationalis* di Wolff”. In: *Wolff e Baumgarten. Studi di terminologia filosofica*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, p. 1-13.

_____. 2005b. “*Imagination, phantasia e facultas fingendi* in Wolff e Baumgarten”. In: *Wolff e Baumgarten. Studi di terminologia filosofica*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, p. 15-40.

_____. 2005c. “*Ingegno e teoria dell'arte. Ingenium* in Wolff e Baumgarten”. In: *Wolff e Baumgarten. Studi di terminologia filosofica*. Firenze: Leo S. Olschki Editore, p. 69-89.

RICHARDS, R. 1980. “Christian Wolff's Prolegomena to Empirical and Rational Psychology: Translation and Commentary”. In: *Proceedings of the American Philosophical Society*, n. 124, p. 227-239 [URL: <https://www.jstor.org/stable/986371>]

TOLLE, Oliver. 2015. *O nascimento da estética no século XVIII*. São Paulo: Editora Clandestina [URL: https://docs.wixstatic.com/ugd/af0615_559ab5d7903f489bb38d7076f6a04e4b.pdf].



_____. 2017. “Fábula e invenção”. *A palo seco*, n. 10, p. 73-78 [URL: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/8258/pdf>].

WOLFF, C. [1720] 2003. *Metafisica tedesca, con le annotazioni alla Metafisica tedesca*. Introduzione, traduzione, note e apparati a cura di Raffaele Ciafardone. Milano: Bompiani il Pensiero Occidentale,

_____. [1728] 2006. *Discours préliminaire sur la philosophie en général*. Introduction, traduction et notes sous la direction de Th. Arnaud, W. Feuerhahn, J.-F. Goubet et J.-M. Rohrbasser. Paris: Vrin.

_____. [1732a]. *Psychologia empirica*. Frankfurt & Leipzig: Officina Libraria Rengeriana [URL: <https://archive.org/details/psychologiaempi00vongoog/page/n8>].

_____. [1732b] 2018. *Psicologia empírica. Prefácio e prolegômenos*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Editora Clandestina [URL: https://docs.wixstatic.com/ugd/3adc88_93e4b5026beb4864802794e761cc929b.pdf].

_____. [1732c] 1745. *Psychologie, ou Traité sur l'âme contenant les connaissances que nous en donne l'expérience, par M. Wolf*. Amsterdam: Pierre Mortier [URL: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb316644016>].

_____. [1734] 1740. *Psychologia rationalis*. Frankfurt & Leipzig: Officina Libraria Rengeriana [URL: https://archive.org/details/bub_gb_szJNAAAAMAAJ].

Recebido em 30 de junho de 2020. Aceito em 04 de agosto de 2020.